



Guilherme Gontijo Floresⁱ

O CURSO DA CALMA

pacem sine dubio, uerum cruentam

(Tácito)

os ipês condensaram
a dor do amarelo
por cima do asfalto
era chuva? eram
parecidas com pétalas
ou pranto

essa a cara da paz

O nylon enlaçado à pele
ao mesmo tempo intruso e salvação
da parte lacerada
para o cachorro já não passa
de uma coceira

inútil

(broto de berne ou sarna sob o saco)
& sem saber se lambe o escroto
o cão está irremediavelmente
castrado

Com o orvalho do amor nos olhos
esmaecendo no cimento
arquitetado pelo acaso
rebenta em verde cárcere
 borrado pela gota
 ligeira enlouquecida
de beleza impetuante ou insanável

p/ tarso de melo

Alambicado do suor dos dias
passar na mesma rua

& sempre

& mesma rua a mesma
como se passa a cada dia
na indiferença
dos dias que passam
& a rua sempre-mosaico
entre um lampejo de carros
coro de cores por destilar

& repetir

até brotar nos olhos
por mágica do asfalto
uma placa
um prédio inteiro
nascido empoeirado pelo tédio

Um alce vermelho cavalgado pela criança
exibe no lombo de plástico inflado
a possibilidade
ainda que pequena

em seu vermelho plástico
cada chifre
- um guidon para a partida imóvel -
oferta a guia do invisível

& a criança em sua carne cavalga
aquela possibilidade de instante
que se traduz em luz de riso

“Mas eu comi, bebi e me banhei. Se morro, não me importa”

(a mosca de Esopo)

Nem faz calor
enquanto um paralelo de asas
sem nome no meu cérebro
 porém catalogado
sob título latino digno
da minha total ignorância
- inseto aqui lhe cabe como nome -

em parafuso céu acima
até num mergulho
em caça inesperada
por uma raspa de limão

terminar cozido
numa xícara de espresso romano

A fratura inexistente
& controlada
o punho dolorido
até parado
& do lado de dentro
(essa invenção
quase indeterminada)
nada acabado

a alma ainda
pó - participio -
engessada

MÍMESIS VIA HEGEL

o rouxinol naturalmente
agrada porque
ouvimos o
animal
emitir na sua
inconsciência
natural
sons que se
assemelham ao
sentimento
a imitação do humano
pela natureza

ⁱ **GUILHERME GONTIJO FLORES** (1984, Brasília) é professor de latim na UFPR, tradutor e poeta. Lançou traduções d' *As janelas, seguidas de poemas em prosa franceses*, de Rainer Maria Rilke, em parceria com Bruno D'Abruzzo, e d' *A anatomia da melancolia*, de Robert Burton (4 volumes). Prepara seu primeiro livro de poemas, intitulado *brasa enganosa*, no prelo pela editora Patuá; e uma edição com as *Elegias* de Sexto Propércio, pela editora Crisálida. Participa do blog coletivo *escamandro*.